

ESPAÇOS ESTÉTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POTENCIALIDADES PARA A EXPRESSÃO CRÍTICA



AESTHETIC SPACES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: POTENTIAL FOR CRITICAL EXPRESSION

ALESSANDRA CUNHA CALHEIROS

Graduação em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul (2016). Professora de Educação Infantil no CEI Walter de Andrade.

RESUMO

Os espaços educativos na Educação Infantil assumem papel fundamental na constituição das experiências das crianças, especialmente quando compreendidos como ambientes estéticos, intencionalmente organizados para favorecer a expressão, a interação e a construção de sentidos. Na contemporaneidade, pensar os espaços estéticos implica ir além da organização física do ambiente, reconhecendo-o como elemento pedagógico ativo que dialoga com as múltiplas linguagens da infância e com a formação de sujeitos críticos. Este artigo tem como objetivo analisar as potencialidades dos espaços estéticos na Educação Infantil para o desenvolvimento da expressão crítica das crianças, compreendendo a estética como dimensão educativa que articula sensibilidade, criatividade, pensamento reflexivo e participação. A pesquisa fundamenta-se em revisão bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos da educação e da arte-educação, bem como em documentos normativos, com destaque para a Base Nacional Comum Curricular. Discute-se o espaço como linguagem e como mediador das experiências infantis, capaz de provocar questionamentos, ampliar repertórios culturais e favorecer a autonomia. Ao longo do texto, problematiza-se o papel do educador na organização intencional dos ambientes e os desafios contemporâneos relacionados à padronização, à escolarização precoce e à desvalorização da dimensão estética. Conclui-se que os espaços estéticos, quando concebidos de forma sensível e crítica, contribuem significativamente para a formação integral da

criança, fortalecendo sua capacidade de expressão, leitura do mundo e participação ativa no contexto educativo.

Palavras-chave: Espaços Estéticos; Educação Infantil; Expressão Crítica; Infância; Prática Pedagógica.

ABSTRACT

Educational spaces in Early Childhood Education play a fundamental role in shaping children's experiences, especially when understood as aesthetic environments intentionally organized to foster expression, interaction, and the construction of meaning. In contemporary times, thinking about aesthetic spaces implies going beyond the physical organization of the environment, recognizing it as an active pedagogical element that engages with the multiple languages of childhood and with the formation of critical subjects. This article aims to analyze the potential of aesthetic spaces in Early Childhood Education for the development of children's critical expression, understanding aesthetics as an educational dimension that articulates sensitivity, creativity, reflective thinking, and participation. The research is based on a bibliographic review of classic and contemporary authors in education and art education, as well as normative documents, with emphasis on the National Common Curricular Base. Space is discussed as a language and as a mediator of children's experiences, capable of provoking questions, expanding cultural repertoires, and fostering autonomy. Throughout the text, the role of the educator in the intentional organization of environments and the contemporary challenges related to standardization, early schooling, and the devaluation of the aesthetic dimension are discussed. It concludes that aesthetic spaces, when conceived in a sensitive and critical way, contribute significantly to the integral development of the child, strengthening their capacity for expression, understanding of the world, and active participation in the educational context.

Keywords: Aesthetic Spaces; Early Childhood Education; Critical Expression; Childhood; Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, constitui-se como espaço privilegiado para a construção de experiências que envolvem o desenvolvimento integral da criança. Nesse contexto, os ambientes educativos assumem papel central, pois não se limitam a abrigar atividades pedagógicas, mas participam ativamente do processo de aprendizagem. A organização dos espaços, quando pensada de forma intencional e sensível, influencia as interações, as escolhas, as expressões e as formas de participação das crianças no cotidiano escolar.

Na contemporaneidade, o debate sobre os espaços estéticos na Educação Infantil ganha relevância ao reconhecer o ambiente como elemento pedagógico que dialoga com as múltiplas linguagens da infância. A estética, compreendida para além de uma concepção decorativa, relaciona-se

à experiência sensível, à percepção, à criatividade e à possibilidade de atribuir sentidos ao mundo. Assim, os espaços estéticos configuram-se como ambientes que provocam curiosidade, convidam à exploração e favorecem a expressão infantil em suas diferentes dimensões.

Documentos normativos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reforçam a importância da organização dos espaços educativos ao destacar que as práticas pedagógicas devem garantir experiências que envolvam o brincar, a interação, a exploração e a expressão. Ao propor os campos de experiência, a BNCC evidencia que o corpo, os objetos, os sons, as cores e as formas constituem elementos fundamentais para a aprendizagem na Educação Infantil, reconhecendo a criança como sujeito ativo, sensível e produtor de cultura.

Do ponto de vista teórico, autores como Malaguzzi, Dewey, Barbosa e Ostrower defendem a estética como dimensão essencial da educação, capaz de articular sensibilidade e pensamento crítico. Para esses autores, a experiência estética não se restringe ao contato com obras de arte, mas manifesta-se na relação da criança com o espaço, com os materiais e com as situações vivenciadas no cotidiano escolar. Dessa forma, os espaços estéticos tornam-se mediadores da aprendizagem, possibilitando à criança observar, questionar, experimentar e construir significados.

A expressão crítica, por sua vez, emerge quando a criança encontra condições para se posicionar, fazer escolhas, interpretar o ambiente e manifestar suas percepções sobre o mundo que a cerca. Ao interagir com espaços esteticamente organizados, a criança amplia sua capacidade de leitura do mundo, desenvolve sensibilidade para as relações sociais e culturais e fortalece sua autonomia. Nesse sentido, a estética assume função formativa, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento reflexivo desde a primeira infância.

Entretanto, apesar dos avanços teóricos e normativos, ainda persistem desafios relacionados à compreensão dos espaços educativos como elementos pedagógicos. Em muitos contextos, observa-se a padronização dos ambientes, a excessiva valorização de práticas escolarizantes e a desconsideração da dimensão estética como componente do currículo da Educação Infantil. Tais práticas limitam as possibilidades de expressão e participação das crianças, fragilizando o potencial educativo dos espaços.

Diante desse cenário, torna-se pertinente refletir sobre as potencialidades dos espaços estéticos na Educação Infantil para a promoção da expressão crítica. Assim, este artigo tem como objetivo analisar a importância da organização intencional dos espaços educativos como mediadores das experiências infantis, discutindo suas contribuições para o desenvolvimento integral e para a formação de sujeitos críticos desde a infância. Para tanto, o estudo fundamenta-se em revisão bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos, bem como em documentos oficiais, buscando compreender o espaço como linguagem, como experiência estética e como elemento central da prática pedagógica na Educação Infantil.

OS ESPAÇOS ESTÉTICOS COMO LINGUAGEM DA INFÂNCIA

A infância caracteriza-se pela exploração sensível do mundo, na qual a criança constrói conhecimentos a partir das experiências que vivencia em interação com o ambiente. Nesse processo,

os espaços educativos assumem função essencial, pois não se configuram apenas como cenários físicos, mas como linguagens que comunicam valores, concepções pedagógicas e possibilidades de ação. Quando organizados de forma estética e intencional, os espaços tornam-se mediadores das experiências infantis, favorecendo a expressão, a criatividade e a construção de sentidos.

Compreender os espaços estéticos como linguagem da infância implica reconhecer que o ambiente comunica e educa. Malaguzzi (1999) defendia que o espaço é o “terceiro educador”, pois dialoga continuamente com a criança, provocando descobertas e ampliando suas formas de expressão. Essa concepção rompe com a ideia de ambientes neutros e reforça o entendimento de que a organização dos espaços revela concepções de infância, de aprendizagem e de educação.

A estética, nesse contexto, não se limita à dimensão visual ou decorativa, mas relaciona-se à experiência sensível e à forma como a criança percebe, sente e interage com o mundo. Ostrower (2013) afirma que a experiência estética está vinculada à capacidade humana de perceber relações, atribuir significados e criar novas formas de expressão. Na Educação Infantil, essa experiência manifesta-se na relação da criança com cores, texturas, sons, objetos, luzes e movimentos, elementos que compõem os espaços educativos e influenciam diretamente as aprendizagens.

Os espaços estéticos possibilitam à criança expressar-se por meio de múltiplas linguagens, tais como o corpo, o gesto, o brincar, o desenho e a fala. Ao interagir com ambientes que oferecem materiais diversos, organização flexível e possibilidades de escolha, a criança amplia sua autonomia e constrói conhecimentos a partir da experimentação. Dewey (2010) destaca que a aprendizagem ocorre por meio da experiência, sendo a estética elemento central para a integração entre sentir, pensar e agir. Assim, os espaços estéticos favorecem experiências significativas, nas quais a criança participa ativamente do processo educativo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa compreensão ao reconhecer a importância dos espaços e materiais na Educação Infantil. Ao propor os campos de experiência, o documento orienta que as práticas pedagógicas devem garantir ambientes que favoreçam a exploração, a interação e a expressão. Os espaços estéticos, nesse sentido, dialogam diretamente com os direitos de aprendizagem, ao possibilitar que a criança explore, participe, expresse-se e construa conhecimentos de forma integrada.

Além disso, os espaços estéticos contribuem para a construção da identidade infantil. Ao perceber-se acolhida em ambientes que respeitam suas escolhas e valorizam suas produções, a criança fortalece sua autoestima e seu sentimento de pertencimento. Barbosa (2010) destaca que a estética na educação está relacionada à formação sensível e crítica do sujeito, pois permite que a criança desenvolva olhar atento e reflexivo sobre o mundo que a cerca.

Na infância contemporânea, marcada pela diversidade cultural e pela multiplicidade de linguagens, os espaços estéticos assumem ainda maior relevância. Eles possibilitam que a criança dialogue com diferentes referências culturais, ampliando repertórios e promovendo experiências inclusivas. Ao reconhecer o espaço como linguagem da infância, a Educação Infantil reafirma seu

compromisso com práticas pedagógicas que respeitam a criança em sua totalidade, garantindo experiências que articulem sensibilidade, expressão e aprendizagem.

ESPAÇOS ESTÉTICOS E A CONSTRUÇÃO DA EXPRESSÃO CRÍTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A expressão crítica na Educação Infantil está diretamente relacionada às experiências que possibilitam à criança observar, interpretar, questionar e atribuir sentidos ao mundo que a cerca. Nesse processo, os espaços estéticos desempenham papel fundamental, pois configuram-se como ambientes que provocam a reflexão, estimulam a curiosidade e favorecem a construção de posicionamentos desde a primeira infância. Ao interagir com espaços organizados de forma intencional e sensível, a criança amplia sua capacidade de leitura do mundo e desenvolve formas próprias de expressão crítica.

A estética, compreendida como experiência sensível, articula percepção, emoção e pensamento. Para Dewey (2010), a experiência estética promove a integração entre sentir e pensar, possibilitando ao sujeito refletir sobre suas vivências de maneira mais profunda. Na Educação Infantil, essa integração manifesta-se quando a criança se envolve com o espaço, explora materiais, faz escolhas e expressa suas percepções por meio de diferentes linguagens. Os espaços estéticos, portanto, não apenas acolhem a criança, mas a convidam a interpretar e ressignificar suas experiências.

A expressão crítica não se restringe à verbalização de opiniões, mas envolve a capacidade de posicionar-se, fazer escolhas e atribuir significados às situações vividas. Barbosa (2010) ressalta que a educação estética contribui para a formação de sujeitos críticos ao desenvolver a sensibilidade e o olhar reflexivo. Ao circular por ambientes que apresentam diversidade de materiais, possibilidades de reorganização e estímulos sensoriais, a criança aprende a observar, comparar, questionar e criar, exercitando desde cedo o pensamento crítico.

Nesse sentido, os espaços estéticos favorecem a autonomia infantil, elemento central para a construção da expressão crítica. Ambientes que permitem à criança escolher onde e como brincar, explorar ou criar possibilitam experiências de tomada de decisão e responsabilização. Segundo Malaguzzi (1999), a autonomia da criança é fortalecida quando o espaço comunica confiança em suas capacidades, reconhecendo-a como protagonista do processo educativo. Assim, o espaço estético torna-se ambiente de diálogo entre a criança e o mundo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa perspectiva ao destacar que as práticas pedagógicas devem garantir experiências que promovam a participação ativa das crianças. Ao propor os direitos de aprendizagem — conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se —, o documento evidencia a importância de ambientes que estimulem a ação, a reflexão e a expressão. Os espaços estéticos, ao favorecerem essas experiências, contribuem para a formação de crianças críticas, participativas e conscientes de suas ações.

Outro aspecto relevante refere-se à dimensão cultural da expressão crítica. Os espaços educativos refletem valores, concepções e escolhas pedagógicas, podendo ampliar ou limitar as experiências das crianças. Brougère (2010) aponta que a cultura está presente nas práticas cotidianas e nas brincadeiras, sendo o espaço um mediador dessas relações culturais. Ao organizar ambientes que

dialoguem com diferentes referências culturais, a escola possibilita que a criança amplie seu repertório e desenvolva olhar crítico sobre a diversidade que a cerca.

Além disso, os espaços estéticos favorecem experiências coletivas que contribuem para a construção da expressão crítica. Ambientes que incentivam a interação, a cooperação e o compartilhamento possibilitam que as crianças aprendam a ouvir o outro, negociar sentidos e respeitar diferentes pontos de vista. Essas experiências sociais são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico, pois promovem a convivência democrática e o reconhecimento da alteridade.

Dessa forma, os espaços estéticos configuram-se como potentes mediadores da expressão crítica na Educação Infantil. Ao articular sensibilidade, autonomia e reflexão, esses ambientes contribuem para a formação integral da criança, favorecendo a construção de sujeitos capazes de interpretar, questionar e transformar o mundo desde a infância. Reconhecer essa potencialidade implica compreender o espaço como elemento central da prática pedagógica, comprometido com uma educação sensível, crítica e humanizadora.

O PAPEL DO EDUCADOR NA ORGANIZAÇÃO INTENCIONAL DOS ESPAÇOS ESTÉTICOS

A organização dos espaços estéticos na Educação Infantil não ocorre de forma espontânea ou neutra, mas resulta de escolhas pedagógicas que expressam concepções de infância, aprendizagem e educação. Nesse contexto, o educador assume papel central como mediador e pesquisador do cotidiano, responsável por planejar, observar, reorganizar e ressignificar os ambientes educativos de modo a favorecer experiências significativas. A intencionalidade docente é, portanto, elemento fundamental para que os espaços estéticos se configurem como promotores da expressão crítica e do desenvolvimento integral da criança.

O educador da Educação Infantil atua como mediador das relações entre a criança e o espaço, criando condições para que o ambiente dialogue com os interesses, as necessidades e as linguagens infantis. Para Vygotsky (1998), o desenvolvimento ocorre a partir das interações sociais mediadas, sendo o adulto responsável por ampliar as possibilidades de aprendizagem da criança. Ao organizar espaços que convidam à exploração, à experimentação e à criação, o professor possibilita que a criança avance em seus processos de compreensão do mundo, exercitando a curiosidade e o pensamento reflexivo.

A intencionalidade pedagógica na organização dos espaços estéticos implica superar práticas padronizadas e modelos rígidos de sala de aula. Ambientes excessivamente organizados, com materiais inacessíveis ou propostas previamente definidas, limitam a autonomia e a expressão infantil. Horn (2014) destaca que espaços educativos de qualidade são aqueles que permitem flexibilidade, reorganização e múltiplas possibilidades de uso, favorecendo a participação ativa das crianças. Dessa forma, o educador precisa compreender o espaço como elemento vivo, passível de constantes transformações a partir das interações cotidianas.

Outro aspecto relevante do papel docente refere-se à escuta sensível e à observação das crianças nos espaços. Observar como as crianças utilizam os ambientes, quais materiais escolhem, como interagem e que narrativas constroem a partir dessas experiências fornece subsídios importantes para a

reorganização intencional dos espaços. Edwards, Gandini e Forman (1999) ressaltam que a escuta e a documentação pedagógica tornam visíveis os processos de aprendizagem, permitindo que o educador compreenda o pensamento infantil e valorize suas múltiplas linguagens.

A mediação do educador também se manifesta na seleção dos materiais que compõem os espaços estéticos. Materiais não estruturados, elementos naturais, objetos do cotidiano e recursos diversificados ampliam as possibilidades de criação e expressão. Ostrower (2013) afirma que a experiência estética está diretamente relacionada à possibilidade de explorar, combinar e ressignificar materiais, estimulando a criatividade e o pensamento crítico. Nesse sentido, cabe ao educador escolher materiais que provoquem curiosidade e permitam diferentes usos, evitando propostas estereotipadas ou meramente decorativas.

Além disso, o educador desempenha papel fundamental na construção de ambientes inclusivos e democráticos. Espaços estéticos devem garantir acessibilidade, participação e respeito às singularidades das crianças, considerando suas diferenças culturais, sociais e individuais. A organização intencional dos ambientes pode favorecer a inclusão ao oferecer múltiplas formas de interação e expressão, permitindo que todas as crianças encontrem possibilidades de participação. Barbosa (2010) destaca que a educação estética contribui para a formação ética e crítica, ao promover experiências que valorizam a diversidade e o diálogo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância da atuação docente ao indicar que as práticas pedagógicas devem assegurar experiências que envolvam exploração, participação e expressão. Ao organizar os espaços de forma intencional, o educador articula os campos de experiência e os direitos de aprendizagem, garantindo que o ambiente favoreça a construção de conhecimentos de maneira integrada e significativa.

Dessa forma, o papel do educador na organização dos espaços estéticos vai além da disposição física do ambiente. Trata-se de uma prática reflexiva e contínua, que exige sensibilidade, escuta e compromisso com a infância. Quando o professor reconhece o espaço como linguagem e o organiza de forma intencional, contribui para que a Educação Infantil se constitua como espaço de formação sensível, crítica e humanizadora, no qual a criança é reconhecida como sujeito ativo, criativo e participante de sua própria aprendizagem.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DOS ESPAÇOS ESTÉTICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A implementação de espaços estéticos na Educação Infantil apresenta desafios e possibilidades que refletem as condições institucionais, as concepções pedagógicas e as práticas docentes. Embora haja crescente reconhecimento da importância do ambiente como mediador das aprendizagens, ainda persistem obstáculos relacionados à compreensão da estética como dimensão formativa e à efetivação de práticas que valorizem a sensibilidade e a expressão crítica das crianças.

Entre os principais desafios, destaca-se a compreensão limitada da estética associada apenas à decoração ou ao embelezamento dos espaços. Essa visão reduzida compromete o potencial pedagógico dos ambientes, transformando-os em cenários passivos, pouco provocadores e distantes das

necessidades e interesses infantis. Conforme Barbosa (2010), a estética na educação deve ser entendida como experiência sensível e ética, capaz de promover o olhar crítico e a formação integral do sujeito. Superar essa perspectiva exige formação docente contínua e reflexão sobre o papel do espaço no processo educativo.

Outro desafio refere-se às condições materiais e estruturais das instituições de Educação Infantil. Muitas escolas enfrentam limitações relacionadas à infraestrutura, ao número de crianças por turma e à disponibilidade de materiais. No entanto, tais limitações não impedem a construção de espaços estéticos significativos, uma vez que a intencionalidade pedagógica e o uso criativo de materiais simples e não estruturados podem ampliar as possibilidades de experiência. Horn (2014) enfatiza que a qualidade dos espaços está mais relacionada às escolhas pedagógicas do que à quantidade de recursos disponíveis.

As possibilidades dos espaços estéticos evidenciam-se quando o ambiente é compreendido como elemento vivo e em constante transformação. A flexibilidade na organização dos espaços permite que eles sejam reorganizados a partir das interações e interesses das crianças, fortalecendo o protagonismo infantil. Malaguzzi (1999) destaca que ambientes que valorizam a autonomia e a expressão comunicam confiança nas capacidades da criança, favorecendo experiências que estimulam a criatividade e o pensamento crítico.

Além disso, os espaços estéticos contribuem para a construção de uma Educação Infantil mais democrática e inclusiva. Ambientes que consideram a diversidade cultural, social e individual das crianças ampliam as possibilidades de participação e expressão, fortalecendo o sentimento de pertencimento. A organização intencional dos espaços pode favorecer experiências coletivas que promovem o diálogo, o respeito às diferenças e a convivência ética, aspectos fundamentais para a formação de sujeitos críticos desde a infância.

Dessa forma, os espaços estéticos apresentam-se como potentes aliados na construção de práticas pedagógicas sensíveis e reflexivas. Ao enfrentar os desafios e explorar as possibilidades, a Educação Infantil reafirma seu compromisso com uma educação que valoriza a criança em sua integralidade, reconhecendo o espaço como linguagem, experiência e instrumento de formação crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre os espaços estéticos na Educação Infantil implica reconhecer que o ambiente educativo ultrapassa a função de suporte físico, constituindo-se como elemento formativo que comunica concepções pedagógicas, valores e possibilidades de aprendizagem. Ao longo deste artigo, evidenciou-se que os espaços estéticos, quando organizados de forma intencional e sensível, assumem papel central no desenvolvimento integral da criança, favorecendo a expressão, a autonomia, a criatividade e a construção do pensamento crítico desde a infância.

Os espaços estéticos configuram-se como linguagens que dialogam diretamente com as múltiplas formas de expressão infantil. Ao possibilitar experiências sensoriais, interativas e significativas, esses ambientes contribuem para que a criança observe, interprete e ressignifique o mundo que a cerca. Assim,

a estética na Educação Infantil não se limita ao aspecto visual, mas articula sensibilidade, emoção e reflexão, promovendo aprendizagens que integram corpo, pensamento e ação.

A análise teórica apresentada reforça que a expressão crítica na infância é construída por meio de experiências que envolvem escolhas, participação e interação. Os espaços estéticos, ao favorecerem a autonomia e o protagonismo infantil, tornam-se ambientes propícios para o exercício do pensamento crítico, entendido como a capacidade de posicionar-se, atribuir sentidos e dialogar com diferentes perspectivas. Nesse sentido, o espaço educativo assume função ética e política, contribuindo para a formação de sujeitos sensíveis, críticos e participativos.

Destacou-se, ainda, o papel fundamental do educador na organização intencional dos espaços estéticos. Cabe ao professor atuar como mediador, pesquisador e observador do cotidiano, reorganizando os ambientes a partir das interações e interesses das crianças. A escuta sensível, a documentação pedagógica e a escolha criteriosa dos materiais revelam-se estratégias essenciais para garantir que o espaço se mantenha vivo, flexível e coerente com as necessidades infantis.

Embora existam desafios relacionados às condições estruturais, à formação docente e à compreensão limitada da estética como dimensão pedagógica, as possibilidades apresentadas pelos espaços estéticos evidenciam seu potencial transformador. A utilização criativa de materiais simples, a reorganização constante dos ambientes e o compromisso com práticas inclusivas demonstram que a construção de espaços estéticos significativos depende, sobretudo, da intencionalidade pedagógica e do olhar sensível do educador.

Conclui-se, portanto, que os espaços estéticos na Educação Infantil se constituem como potentes instrumentos para a promoção de uma educação humanizadora, sensível e crítica. Ao reconhecer o espaço como linguagem e experiência, a Educação Infantil reafirma seu compromisso com práticas pedagógicas que respeitam a criança em sua integralidade, valorizando suas múltiplas linguagens e garantindo experiências formativas que contribuem para a construção de sujeitos críticos desde a infância.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MALAGUZZI, Loris. **História, ideias e filosofia básica**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 59–104.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.